



UM ARQUIVO CONFIDENCIAL: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NA OBRA DE ALCEU PENNA

Gabriela Ordones Penna
FAV/UFG

Resumo:

Em meados do século XX, Alceu Penna povoou o imaginário da juventude brasileira com a coluna *As Garotas* na revista *O Cruzeiro*. Ele construiu, paralelamente, uma sólida carreira como figurinista. Obstante a uma carreira reconhecida em seu tempo, a obra de Alceu Penna ainda é pouco conhecida pelas gerações posteriores a sua morte. O seu trabalho como figurinista é ainda mais remoto. Esse artigo discute apontamentos para se pensar sua memória e esquecimento, as recentes ações de retomada da sua obra, trazendo um mapa dos seus principais arquivos, em especial, o pessoal, destacando a sua relevância como espaço de construção de sentidos.

Palavras-chave: Alceu Penna – arquivo - memória

1 Alceu Penna, mais que um ilustrador

Alceu Penna (1915-1980) tornou-se um dos mais importantes ilustradores revista *O Cruzeiro* (1927-1980), marcando a moda e o comportamento da juventude brasileira com a coluna “As Garotas” (1938-1964). O mineiro, nascido em Curvelo (MG), destacou-se entre figuras como Millôr Fernandes – que começou como seu arte-finalista e depois se consagrou com o “Poste Escrito”, Péricles com o “Amigo da Onça”, Ziraldo, entre outros.

Paralelamente à carreira na imprensa, o ilustrador construiu uma sólida trajetória na cena dos espetáculos e shows brasileiros, estando na ponta de profissões incipientes no Brasil em meados do século XX, como a de figurinista. As criações do ilustrador remetem à era de ouro dos cassinos no Rio de Janeiro como Urca e Copacabana e à ascensão de estrelas como Carmen Miranda – de quem foi um grande amigo e colaborador. Ele vivenciou a emergência do teatro moderno brasileiro e o começo das grandes produções e de shows no país, como *Escândalos* (1950) com Bibi Ferreira e *Quem Roubou meu samba?* (1953) de Silveira Sampaio.

Nos anos 1960 e 1970 foi parte da equipe criativa por trás dos desfiles-espetáculos da Rhodia Têxtil na FENIT, onde dedicou atenção inédita às estamparias – em um momento que se investia mais na qualidade do tecido do que na elaboração de estampas – estabelecendo parcerias com artistas plásticos brasileiros como Aldemir Martins (1922-2006) e Heitor dos Prazeres (1898-1966).

A extensão e a amplitude de seu trabalho permitem considerá-lo um dos principais ilustradores de moda do Brasil e, porque não, cronista visual do Rio de



Janeiro em meados do século XX. A doença e a morte precoce em 1980 interromperam o trabalho de um artista que, mesmo daltônico conseguiu, como poucos, dar cores e traços, feições ao vestir do brasileiro.

2 Jogos de memória e esquecimento nas ilustrações de figurinos de Alceu Penna

Os desenhos de Alceu Penna permeiam minha vida desde muito cedo. Sou sobrinha-neta do ilustrador e meu avô Josaphat Penna – quem Alceu chamava carinhosamente de “Fazinho” - um admirador confesso do irmão, adorava nos almoços de domingo mostrar cópias dos seus desenhos e instigar suas netas a fazerem outros iguais. Eu me lembro, como se fosse hoje, o orgulho que ele transmitia ao falar sobre seu irmão e seus feitos. Esse sentimento cresceu comigo, mas foi somente anos depois que eu “redescobri” essa obra, dessa vez com um olhar de pesquisadora.

Nesse sentido, o meu “primeiro contato” com os trabalhos de Alceu Penna se deu ainda no mestrado, em que analisei a coluna *As Garotas*¹. Foi nesse momento, também, que percebi o quão ele tinha sido importante e o tanto que fora esquecido.

Não é preciso ir longe para entender que existe, independentemente, de uma realidade política sociocultural brasileira limitadora quanto à preservação da memória do país, um entrave já no acesso à obra do ilustrador – são poucos acervos e o mais completo deles, o pessoal, não está disponível para consultas públicas.

Não à toa, existem mais produções de artigos, livros, trabalhos científicos e até mesmo eventos sobre a carreira de Alceu Penna enquanto ilustrador de moda do que como figurinista². Entende-se que o fato do trabalho mais famoso do ilustrador *As Garotas do Alceu* ter sido veiculado em *O Cruzeiro* e a coleção dessa revista estar disponível em acervos públicos do país, contribuiu de forma contundente para a perpetuação desses trabalhos junto à comunidade³.

O problema delineado aqui não se prende, portanto, somente à falta de políticas públicas adequadas ou mesmo de um jogo político e estético das sensibilidades, tal como se refere Jacques Rancière (2012), ou seja, que dá ou tira a importância de algo ou alguém dentro de uma sociedade, mas, também, a uma destinação apropriada do acervo pela família/guardião legal, colocando em

¹ PENNA, Gabriela Ordones. *Vamos Garotas! Alceu Penna, moda, corpo e emancipação feminina (1938-1957)*. Dissertação de Mestrado. Centro Universitário Senac – São Paulo, 2007.

² Ver citação nº04

³ Destaco os acervos da biblioteca Mario de Andrade em São Paulo e Arquivo Público do Estado de Minas Gerais. Recentemente, a Biblioteca Nacional anunciou que irá disponibilizar o acervo dos Diários Associados na internet.



circulação pública, algo que fora antes privado. Sem essa consciência de que um acervo pode e deve servir antes a uma coletividade e não somente a uma família ou grupo, sabe-se lá o que mais hoje estaria esquecido.

Obstante a essa realidade, a obra do ilustrador começa a ser retomada de forma mais incisiva, a partir da década de 1990, uma vez que começa a ser tema de diversas pesquisas científicas, tendo sido tema de três mestrados, um doutorado e diversos artigos científicos⁴. Algumas dessas pesquisas foram apresentadas em congressos realizados fora do País⁵. Fazem 35 anos da sua morte e é curioso perceber que somente, recentemente, o seu trabalho tem sido alvo de centros culturais e exposições⁶. Sua obra, também, começa a ser enfocada em estudos sobre história, moda e design⁷. Em 2015 comemora-se o centenário do artista gráfico e algumas iniciativas para marcar essa data têm sido feitas.

O interesse recente pela obra de Alceu Penna pode ser entendido pela perspectiva levantada por Andreas Huyssen (2000) ao chamar a atenção para um aumento da busca contemporânea pela memória, ou seja, a sua emergência como preocupação cultural e política. É, sobretudo, a partir da década de 1980, que se percebe uma acentuação da preocupação com patrimônios, memoriais, museus e arquivos. Vive-se a chamada hipertrofia da memória (HARTOG, 2013).

Desde 2003 a UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - instituiu a Comissão para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Intangível, ampliando a preservação, também, de práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas. Revela-se, assim, uma importante mudança

⁴ Para citar alguns: CAMPOS, Daniela Queiroz. **Espectros de anos dourados: imagem, arte gráfica e civilidade na coluna Garotas da revista O Cruzeiro (1950-1964)**. Dissertação de mestrado em História, 2010. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil; JOFFILY, Ruth. **Jornalismo de Moda. Jornalismo feminino e a obra de Alceu Penna**. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de Comunicação da UFRJ, 2002 e PENNA, Gabriela Ordones. **Vamos Garotas! Alceu Penna, moda, corpo e emancipação feminina**. (1938-1957). Dissertação de Mestrado em Moda, Cultura e Arte. Centro Universitário Senac, 2007.

⁵ A pesquisadora Maria Claudia Bonadio apresentou um artigo sobre Alceu Penna no IX Congresso da BRASA em Nova Orleans, USA. A pesquisadora Gabriela Penna apresentou em 2009, no London College of Fashion, pela 11th International Foundation of Fashion Technology Institutes (IFFTI), uma comunicação sobre a coluna "As Garotas".

⁶ Exposição "O Brasil na ponta do lápis: Alceu Penna, modas e figurinos". Centro Universitário Senac-SP. Maio 2007. Memorial da Cultura Mineira Vale – Circuito Cultural Praça da Liberdade, Belo Horizonte, Minas Gerais – Vídeo permanente dedicado à sua carreira, dentro de uma retrospectiva da moda mineira no século XX.

⁷ *Modos de homem & modas de mulher* (Global, 2009) de Gilberto Freyre, *História da Moda no Brasil* (Pyxis, 2011) de João Braga e André Luis do Prado e *Linha do tempo do Design Gráfico no Brasil* (Cosac & Naif, 2012) de Chico Homem de Melo e Elaine Ramos. Em 2010 dois livros que tratavam exclusivamente sobre Alceu Penna foram lançados - *Vamos Garotas! Alceu Penna, moda, corpo e emancipação feminina (1938-1964)* (AnnaBlume: 2010) de Gabriela Ordones Penna e *Alceu Penna e as Garotas do Brasil: moda e imprensa (1933-1980)* (Manole: 2010) do jornalista Gonçalo Junior.



do próprio objeto tratado como patrimônio cultural, que permitiu entender a moda, também, como patrimônio.

A retomada da obra de Penna é, assim, também, parte da compreensão da moda como patrimônio cultural, ou seja, como parte integrante e articuladora dentro das sociedades ocidentais, ainda que um movimento recente no Brasil. Há algumas iniciativas que merecem destaque, como o Museu da Moda - Casa Marquesa de Santos - o primeiro museu dedicado à moda e aos costumes do país, sediado no Rio de Janeiro. Em Belo Horizonte em 2012 foi aberto o primeiro Centro de Referência em Moda do Estado de Minas Gerais. Como bem observa Rita Andrade (2008, p.11) a moda integra coleções em museus da Europa desde o fim do século XIX e início do século XX nos EUA, ao contrário do Brasil em que objetos têxteis, por exemplo, só começam a circular nesses espaços a partir da década de 1980.

3 Sobrevivências de Alceu Penna: um mapa dos seus arquivos

As sobrevivências de Alceu manifestam-se como resistências ao seu esquecimento, que podem, entre outras, serem traduzidas pelos seus “domicílios” nas palavras de Jacques Derrida (2001), ou seja, seus arquivos.

Existem três principais arquivos de Alceu Penna: O arquivo do *Jornal Estado de Minas* (GEDOC), o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o acervo familiar do ilustrador no Rio de Janeiro. É importante salientar, que não estou listando aqui acervos que abrigam coleções de revistas que publicaram desenhos ou trabalhos dele como *O Cruzeiro e Jóia*, mas somente aqueles que contêm, além desses materiais, croquis e ilustrações originais ou figurinos (roupas) feitos por Alceu Penna.

O arquivo do *Jornal Estado de Minas* – GEDOC – Gerência de Documentação e Informação do Sistema Estaminas de Comunicação, está localizado em Belo Horizonte. O arquivo, além de ser o centro que gerencia o acervo e documentação do jornal, abriga coleções completas da revista *O Cruzeiro*, croquis originais de Alceu Penna e algumas fotografias de Alceu Penna pertencentes à revista *O Cruzeiro*. Após a falência da revista em 1980, o jornal recebeu esse acervo como pagamento de uma dívida.

Além de abrigar e gerenciar todo o acervo do próprio *Jornal Estado de Minas e Diário da Tarde*, lá existem duas coleções da revista *O Cruzeiro*, sendo que uma é completa e outra não – as edições vão até 1975, porém existem algumas poucas edições faltantes. Todos os números de *O Cruzeiro* são microfilmados e disponíveis



para consultas. Também o arquivo dispõe de uma coleção completa de *O Cruzeiro Internacional* e outra, também completa, da revista *A Cigarra*. Além das revistas existe uma mapoteca, que abriga croquis e desenhos originais de Alceu Penna e outros colaboradores do *Diários Associados* como Péricles Maranhão do *Amigo da Onça*, Ziraldo e Millôr Fernandes do *Pif Paf*. Ao todo são seis mapotecas com 10 gavetas em cada. Os croquis originais de Alceu Penna totalizam Hum mil quatrocentos e quarenta e quatro peças (1.444), divididos entre temas de moda e Garotas.



Fig. 01. Fotografia das gavetas de Alceu Penna na mapoteca do Arquivo do Jornal Estado de Minas (DEDOC). 2015

É interessante perceber que esses croquis mostram o processo de feitura da coluna e dos editoriais de moda, portanto, são repletos de anotações à mão do próprio ilustrador e marcadores de diagramação. Esses trabalhos não estão disponíveis para consulta do público – são apenas de manuseio interno. Compõe o acervo relativo a Alceu Penna, também, 18 fotografias.

No Museu de Arte de São Paulo – Masp residem peças de figurinos (roupas) e croquis originais que Alceu Penna desenhou para a Rhodia Têxtil entre os anos 1960 e 1970. A história do Masp confunde-se com a emergência de uma consciência primeira da moda e design brasileiro, sendo esse o primeiro museu a abrigar uma seção de costumes no país, inaugurada em 1950. A visão pioneira da moda dentro do museu foi capitaneada pelo seu diretor e marchand Pietro Maria Bardi (1900-1999), com a participação ativa de sua esposa Lina Bo Bardi (1914-1992). O Masp abrigou a primeira escola de Design do país – IAC e promoveu dois desfiles dentro do museu, feitos inéditos até então no Brasil.

Na reserva técnica do museu encontram-se nove croquis de figurinos e cinco figurinos (roupas). Segundo o museu, os croquis foram obtidos através de doação do estilista Ugo Castellana em 1998, já os figurinos foram doação da própria Rhodia.



Por fim, ainda existe o acervo familiar do ilustrador no Rio de Janeiro, mais precisamente, no seu apartamento no bairro do Flamengo mantido pela família Penna. Lá se encontram além de objetos pessoais, desenhos, croquis, fotografias. Esse arquivo, o de acesso mais restrito deles, é o único que abriga sua produção como figurinista e mostra como nenhum outro a diversidade e amplitude da sua carreira.

3.1 O arquivo pessoal de Alceu Penna: rastros de um figurinista

O arquivo de Penna abriga croquis originais, esboços, estudos – relativos às *Garotas*, desenhos de moda, um caderno de desenhos de modelos de Alta Costura de famosos costureiros como Balenciaga e Fath, calendários, além de revistas que estamparam seus trabalhos como *Tricô e Crochê*, *Jóia*, *O Cruzeiro*, fotografias pessoais e profissionais, correspondências – como aquelas que ele trocava com as principais lojas de departamento e *maisons* dos EUA e Europa, livros e materiais de trabalho como tintas e papeis e, finalmente, os seus desenhos de figurinos para espetáculos e shows.

Dentre os acervos de Alceu Penna já mencionados anteriormente, o pessoal é, especialmente, importante porque somente nele é que se encontram trabalhos de figurinos. Além disso, é o que mais se mistura e revela rastros da sua vida pessoal e profissional e aponta, como nenhum outro, as suas “pegadas”. Merleau-Ponty (2004) mostra que a relação entre o homem e os objetos nunca é distante, ou seja, nós nos investimos nas coisas, ou seja, imprimimos nossas marcas naquilo que tocamos, utilizamos, criamos.

A história da formação desse acervo se confunde com a de Alceu e de sua irmã Thereza Penna. É no ano de 1948, que Thereza se muda para o Rio de Janeiro, juntamente com a mãe Mercedes e a irmã Maria Carmen a convite do irmão e, a partir disso, se tornam inseparáveis.

Thereza o ajudava com a organização dos desenhos, com a agenda de trabalho e compromissos profissionais, além de acompanhá-lo nos (raros) eventos sociais, uma vez que Alceu era avesso à badalação. Assim, segundo Thereza, era ela mesma a figura chave no processo de arquivamento de todo o material de trabalho do irmão, uma vez que o irmão trabalhava em ritmo frenético. (Informação oral, 2006).

Naturalmente, essa afirmação não exclui uma atuação e intervenção do próprio Alceu nesse processo. Até porque, mesmo que Thereza tenha se empenhado na guarda dos desenhos, fotos, cartas e outros materiais, ela jamais o teria conseguido



de forma plena e através dos anos sem a anuência e a colaboração do ilustrador em alguma medida. Isso demonstra algum nível de entendimento de Alceu que aquela produção toda tinha algum valor de memória.



Fig.02. Alceu Penna desenhando em sua sala de jantar. Década de 1950 circa.



Fig. 03. A mesma sala de jantar de Alceu fotografada em 2013, conservada praticamente a mesma, onde o ilustrador costumava trabalhar.

Existem muitas maneiras de arquivamento pessoal, desde aquela pessoa que guarda quase obsessivamente tudo até mesmo aquela que se contenta em guardar apenas na memória. (MCKEMMISH, 1996). Não se sabe, em qual dessas muitas categorias o ilustrador se encaixa, mas fato é que, observando o porte do acervo – que é numeroso e composto por uma variedade considerável de documentos – tanto Alceu quanto Thereza se preocupavam em arquivar as coisas.

Após a morte do ilustrador em 1980, Thereza continua morando no apartamento de Alceu, uma vez que ele não deixou herdeiros e continua o trabalho de organização e promoção da sua memória até o seu falecimento em 2006. Durante anos, recebe pesquisadores, jornalistas e estudantes interessados na obra do irmão.

Em um primeiro momento, a acumulação dos trabalhos, croquis, desenhos, fotos foi feita por Thereza com o intuito mais simples possível: a guarda e organização dos trabalhos do irmão, tal como uma grande admiradora e companheira que era. Não



havia nada ambicioso por trás do gesto de arquivar. Nas palavras de Luciana Heymann (2012) é um “arquivo memória”, ou seja, a clássica guarda de papéis por um indivíduo e registro do vivido. Já após a morte de Alceu, percebe-se que Thereza, ao continuar com a organização de toda a produção do irmão e se dispor a receber estudiosos e interessados, ela demonstra vislumbrar algo maior, ligado à perpetuação pública da memória do irmão. Nesse sentido, o arquivo se aproxima mais de um arquivo - projeto, ou seja, quando o indivíduo vislumbra o valor histórico de seus documentos e essa acumulação dispõe de alguma intenção. (HEYMANN, 2012)



Fig.04 As pastas que guardam os documentos do acervo pessoal do ilustrador, a qui organizadas por familiares. Rio de Janeiro, 2013.

Após o falecimento de Thereza, o material sofreu tentativas de organização por familiares. A sobrinha mais velha de Alceu Penna, Cyra de Paula Penna, juntamente com outra sobrinha Mara de Paula Penna, realizaram uma primeira investida na tentativa de organizar o acervo. Elas catalogaram as peças em 200 páginas de um livro e o registraram em 01 de dezembro de 1989. Ao todo foram organizadas 19 pastas. Na ocasião da minha incursão ao acervo em 2013 – a primeira após o falecimento de Thereza - o material estava acondicionado nessas mesmas pastas plásticas coloridas etiquetadas em um armário do apartamento – como “figurinos”, “Garotas”, “moda”, “croquis originais”, “O Cruzeiro”, “calendários”, “publicações pós 1980”. Entretanto, observei que o material estava misturado, ou seja, figurinos juntos com desenhos de moda, propaganda junto com “Garotas”. Devo inferir que, esse material foi manejado ao longo dos anos por outrem, provavelmente, alheios à organização primeira.



Observa-se assim, que o arquivo, desde o período em que Thereza e Alceu dividiam residência até o momento presente, sofreu organizações e manejos diversos. Por exemplo, encontrei receitas culinárias em meio a alguns desenhos, o que evidencia um rastro de manipulação do acervo por Thereza – uma cozinheira experiente que até teve uma coluna fixa de culinária na revista O Cruzeiro na década de 1950, Lar Doce Lar. Entende-se, assim que subjetividades múltiplas convergiram na organização e manutenção desse arquivo, tanto quanto “temporalidades distintas” estavam envolvidas. (HEYMANN, 2012)

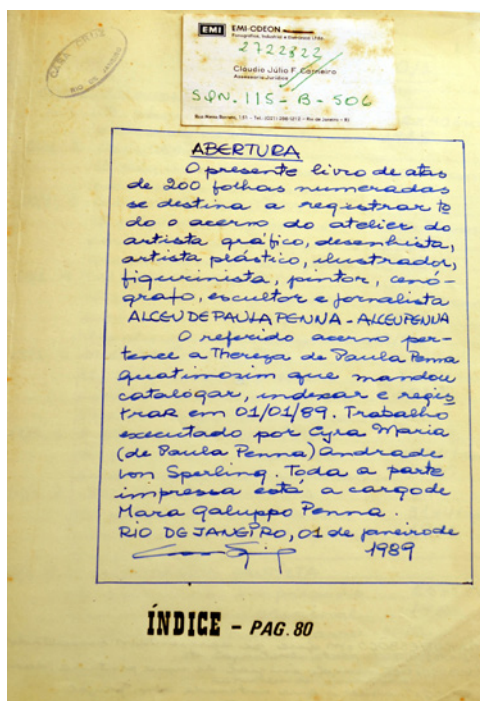


Fig.05. O chamado livro do tombo, a primeira tentativa oficial de organização do acervo pessoal de Alceu Penna. 1989.

É importante dizer que, também, ao longo dos anos, o material do acervo sofreu perdas. Thereza afirmava que, muitas vezes, emprestava os desenhos em boa fé e nunca mais os via. Cansada de perdê-los, passou a tirar cópias e emprestá-las aos interessados (informação oral, 2006). Dado o clima úmido e quente do Rio de Janeiro, pode-se inferir que muitos desenhos foram perdidos, também, por deterioração ambiental.

Observando essas características do acervo pessoal de Alceu, uma pergunta se coloca: o que ele nos diz sobre ele? Arquivar a si próprio diz muito, nesse caso, a respeito tanto do Alceu – homem, quanto do Alceu - ilustrador. Sue McKemmish (1996) aproxima o gesto de guardar documentos pessoais a um “tipo de testemunho”



que o indivíduo presta em relação a sua vida tanto no sentido de preservar a memória quanto de constituir sua identidade pessoal por meio do arquivamento. A simples opção por guardar uma coisa ou outra, em detrimento de muitas já reflete seus rastros, hábitos, preferências e julgamentos de relevância.

Examinando o conteúdo do arquivo de Alceu, percebem-se, por exemplo, muitas fotografias em eventos de gala, bailes beneficentes – como no caso Providência dos Desamparados, no Copacabana Palace em 1948, além de outras com personalidades como Walt Disney e Nana Caymmi e espetáculos diversos, muitos do teatro de revista, repleto de vedetes em corpetes sensuais e com muita pele à mostra. Além disso, examinando as suas ilustrações de figurinos, elas são repletas de figuras femininas, por exemplo, em vestidos de fendas, transparências.


Se nada soubesse de Alceu, apenas esse material denotaria, no mínimo, que o ilustrador foi um homem que, além de ter circulado no meio artístico e social no eixo Rio de Janeiro - São Paulo era um homem de pensamento “arejado” em relação à mulher, ou seja, pouco conservador. No entanto, contrariando um pouco o que o arquivo mostra, Aníbal Penna, sobrinho do ilustrador, conta que seu tio era um homem muito tímido, não gostava muito de eventos sociais e tinha opiniões rígidas e conservadoras em relação às mulheres da família. (Informação oral, abril 2013).

Tem-se um impacto imediato com esse depoimento, porque é inevitável, em um primeiro momento, misturar o universo público com o privado. O homem que cria e o homem que vive são lados inevitavelmente coexistentes dentro do Ser, mas em muitos casos repletos de singularidades. Arquivar a própria vida é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. (ARTIÈRES, 1998)

Voltar-se para uma pesquisa nesse acervo é compreender como ele é relevante justamente por ser pessoal. Muitas vezes, sem reflexões e aportes teóricos, esses arquivos costumam mostrar espectros do privado que tanto contribuem para a produção de sentidos da obra.

Considerações finais

Um movimento de resgate à obra de Alceu Penna tem tomado força, junto à explosão da necessidade contemporânea de buscar e expor a memória. Junto disso, caminham lado a lado a importância dos seus arquivos, em especial o pessoal. Cada



sobrevivência de Alceu, cada domicílio de sua memória abriga um sistema diferente de organização dos seus vestígios materiais, seus documentos. Assim, cada um se difere, não apenas pelos seus documentos - mostrando diversas áreas de atuação do artista gráfico - mas pelas inscrições que fazem desses. Dessa retomada, do seu arquivo pessoal - o mais restrito e intocado por pesquisas, ainda sairão inscrições sobre facetas pouco conhecidas desse artista, tal como o Alceu figurinista.

Referências Bibliográficas

ANDRADE. Rita Morais de. **Bouè Souers RG 7091: a biografia cultural de um vestido.** Tese de doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica do Estado de São Paulo, 2008.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Estudos Históricos**, no. 21, 1998, vol. 1.

BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Tradução: Irene Aron. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BOPPRÉ. Fernando Chiquio. **Memória, coleção e visualidade:** Arthur Bispo do Rosário, Farnese de Andrade, Hassis e Rosângela Rennó. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

CATRIOTA. Leonardo Barci. **Patrimônio cultural:** conceitos, políticas e instrumentos. São Paulo: AnnaBlume, 2009.

DERRIDA. Jacques. **Mal do arquivo:** uma impressão freudiana. Tradução Claudia de Morais Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

HEYMANN, Luciana Quillet. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, n.1, jan.-mar. 2012, p.261-282 MCKEMMISH. Sue. **Evidence of me.** In: *Archives and Manuscripts*, vol. 24, no. 1, May 1996, pp. 28-45

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

PENNA. Gabriela Ordones. **Vamos Garotas!** Alceu Penna, moda, corpo e emancipação feminina (1938-1957). São Paulo: AnnaBlume/ FAPESP, 2010

PRATS. Llorenç. **Antropología y Patrimonio.** Barcelona, Ariel, 2007.

PONTY-MERLEAU. **Conversas.** São Paulo: Martins Fontes, 2004

RANCIÈRE, Jacques. Da partilha do sensível e das relações que estabelece entre política e estética... Dos regimes da arte e do pouco interesse da noção de modernidade. In: _____. **A partilha do sensível – estética e política.** São Paulo: Editora 34, 2012, p. 15-44.

ISSN 2316-6479 | DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.



Crédito de Imagens

- FIG. 01 Fotografia Arquivo do Jornal Estado de Minas. 2015. Gabriela Penna
FIG.02 Fotografia de Alceu Penna. Década de 1950. Arquivo pessoal. RJ.
FIG 03 Fotografia do acervo pessoal Alceu Penna. RJ. 2013. Gabriela Penna
FIG.04 Fotografia do acervo pessoal Alceu Penna. RJ, 2013. Gabriela Penna
FIG.05 Livro tombo acervo Alceu Penna. Rio de Janeiro. 2015. Gabriela Penna

Minicurrículo

Gabriela é mestre em Moda, Cultura e Arte pelo Centro Universitário Senac-SP (2007). Doutoranda em Arte e Cultura Visual na Universidade Federal de Goiás – UFG. Pesquisadora da obra do artista gráfico Alceu Penna e autora do livro *Vamos Garotas! Alceu Penna, moda, corpo e emancipação feminina* (AnnaBlume, 2010)